

## O significado da nova estratégia de desenvolvimento chinesa para a economia brasileira

Luiz Marcelo Michelon Zardo

Orientador: Dr. André Moreira Cunha

Enquanto o mundo desenvolvido amargava forte recessão em 2009, no ponto mais agudo da crise internacional, a China ostentava um invejável crescimento de 9%. Por trás desse resultado, encerra-se uma lógica de planejamento que visava a um crescimento sustentado e menos vulnerável aos movimentos da economia internacional. Acentuaram-se as políticas monetárias e fiscais expansionistas, e consagrou-se uma estratégia econômica com maior ênfase no **dinamismo interno**.

A preocupação com a sustentação do crescimento - mesmo que a taxas mais moderadas - estendeu-se ao 13º Plano Quinquenal (2015-2020) do país. Previu-se o fortalecimento da atuação do governo através de **políticas expansionistas**, e manteve-se a ênfase na demanda doméstica. Além disso, o projeto de um poderoso núcleo endógeno de **inovação** passou a posição de protagonismo ainda maior.

Nesse contexto, pergunta-se: quais as implicações desse projeto de desenvolvimento à economia brasileira?

**Metodologia:** Recorreu-se à análise de fontes primárias (como discursos e documentos oficiais) e secundárias no que tange à estratégia econômica recente da República Popular da China e aos seus fluxos com o Brasil. Para além disso, compilaram-se dados comerciais (Comtrade) e de investimento (Banco Mundial; Heritage Foundation) que ajudassem no exame da evolução das relações econômicas entre os dois países.

1. Identifica-se uma tendência à especialização cada vez maior da economia chinesa em **bens de alto valor agregado**, em cuja produção cada vez tem mais relevância a tecnologia própria. Esse processo, cuja continuidade se identifica com o projeto **"Made in China 2025"**, deve seguir amplificando o caráter norte-sul das relações econômicas China - Brasil.

2. Com a eclosão da crise de 2008 e a falta de dinamismo dos países da OCDE cogitou-se um redirecionamento dos investimentos chineses em direção ao mundo emergente, inclusive ao Brasil. Afinal, apesar dos esforços de maior dinamismo interno, no curto prazo a **China ainda precisa do *drive* exportador e do recurso ao investimento direto externo (IDE)** para acessar fontes de matérias-primas. Efetivamente, referida hipótese inicialmente se concretizou. No entanto, a deterioração da situação macroeconômica brasileira a partir de 2012 implicou uma reversão dessa tendência: os dados indicam um **redirecionamento de investimentos do Brasil para o Sudeste Asiático**, concorrente na oferta de recursos primários a Pequim.

3. A estratégia chinesa tende a acentuar a especialização de sua economia em bens de alto valor agregado e acentuar o caráter norte-sul de suas relações comerciais com a periferia. Essa tendência, identificada com o fortalecimento da dimensão interindustrial do comércio, associa-se a uma **dessincronização dos ciclos de negócios**, segundo Calderón, Chong e Stein (2007). Assim, o caráter dos fluxos comerciais pode arrefecer a correlação de ciclos entre Brasil e China percebida por Cunha et al. (2011).

**Conclusão:** A estratégia chinesa do pós-crise, acentuada com o 13º Plano Quinquenal, **per se, não implicou mudanças acentuadas nas relações China-Brasil**. Fomentou uma tendência (já existente antes da crise) à acentuação do caráter norte-sul do comércio com o país americano e a consequente dessincronização entre os ciclos de negócios de ambas as nações; não implicou no curto prazo uma redução dos IDEs chineses, cuja distribuição foi alterada por fatores terceiros (crise do mundo desenvolvido, problemas macroeconômicos no Brasil).